

Por uma filosofia das filosofias e dos sujeitos

Elias Bezerra de Souza
Instituto Federal do Amazonas – Amazonas

RESUMO

Este texto-ensaio discute a importância de integrar a "filosofia de vida" dos educandos na educação, argumentando que ignorá-la pode levar ao fracasso educativo. Propõe que a Filosofia da Educação deve começar pela compreensão das visões de mundo individuais, antes de introduzir a Filosofia erudita.

Palavras-chave: Filosofia de vida, Educação inclusiva, Reflexão crítica.

1 INTRODUÇÃO

Este texto-ensaio tem o intuito de levar o leitor à reflexão sobre a Filosofia Educação como uma construção de conhecimento que leve em consideração a “filosofia de vida de cada educando”, possibilitando uma relação gnosiológica de complementaridade e não de negação e ou exclusão, o que passa a ser uma forma de educação inclusiva.

Especificamente, se procura mostrar que: a) toda PESSOA, ao chegar à escola já carrega na bagagem uma “filosofia espontânea”: uma visão de mundo, uma concepção de vida, que adota para uso pessoal, a qual precisa ser respeitada pela escola e valorizada pelo educador; b) conhecendo e respeitando essa “filosofia de vida de cada um”, a escola deve viabilizar e o educador precisa realizar com os educandos um movimento de construção para uma Filosofia da Educação que tome a filosofia do senso comum como matéria-prima e ponto de partida para uma filosofia concreta de uma determinada e também concreta comunidade educacional; c) antes de tratar sobre a Filosofia erudita com os educandos o educador necessita ter um conhecimento prévio sobre a “filosofia de vida”, assim como sobre as Filosofias da Educação.

2 OBJETIVO

Objetiva-se discutir a incoerência da Filosofia da Educação ao não levar em consideração a filosofia de vida do educando no processo educativo-pedagógico.

3 METODOLOGIA

A elaboração deste texto-ensaio resulta de uma aceção de vida do autor em diálogo com a experiência, primeiro como discente em todo o percurso da vida escolar e acadêmica, depois como docente desde 1994, buscando entendimento junto a autores-filósofos a partir da leitura de suas obras e da participação em congressos e palestras.



4 DESENVOLVIMENTO

Qualquer intenção de ação educativo-pedagógica que ignore a “filosofia de vida” dos seus sujeitos resultará em fracasso (Elias de Souza).

4.1 MAS O QUE SE ENTENDE POR FILOSOFIA?

Desconhece-se na literatura uma definição precisa do termo “filosofia”. Tentar formulá-la, nos parece, em princípio, correr o risco de equívocos, já que este campo do conhecimento difere das ciências de modo geral “na medida em que procura oferecer uma imagem do pensamento humano – ou mesmo da realidade, até onde se admite que isso possa ser feito – como um todo” afirmou Ewing (1984, p. 11). Principalmente porque como explica este autor:

devemos admitir que até a filosofia não tem conseguido realizar suas grandes pretensões. Tão pouco tem logrado êxito em produzir um corpo de conhecimento consensual comparável ao elaborado pelas diversas ciências. Isso se deve em parte, embora não integralmente, ao fato de que, quando obtemos conhecimento verdadeiro a respeito de determinada questão situamos essa questão como pertencente à ciência e não à filosofia (Ewing, 1984, p. 11).

Mas podemos dizer que o termo “filósofo” significa, originariamente, a “amante da sabedoria”, atribuído seu surgimento à incisiva resposta de Pitágoras aos que o chamavam de “sábio”. Não reprimendo a quem assim o tratava, mas também não se enaltecendo, Pitágoras apenas dizia que sua sabedoria consistia unicamente em reconhecer sua ignorância, não devendo, portanto, ser tratado como “sábio”, mas apenas de “amante da sabedoria”, o que sugere a filosofia como sabedoria em reconhecer nossa ignorância e buscar superá-la permanentemente, não com respostas verdadeiras e inquestionáveis, mas com reflexões profundas sobre nossa existência no mundo, com o mundo e para o mundo.

É isso que nos autoriza a falar em “filosofia de vida” como um modo de ser no, com e para mundo de cada pessoa, resultante não de grandes questionamentos, reflexões e críticas, mas da nossa própria vivência empírica no, com e para o mundo, que precisa ser vista, compreendida e acolhida pela filosofia reflexiva, crítica e sistematicamente elaborada pelos filósofos eruditos.

4.2 MAS O QUE VEM A SER “FILOSOFIA DE VIDA” DE CADA UM?

Dizem os eruditos que num sentido vulgar e de uso corrente na linguagem comum, filosofia de vida é uma “visão de mundo”, uma concepção de vida, que o homem adota para uso pessoal e convivência coletiva.

O que se pretende mostrar com “filosofia de vida de cada um”, é que, mais pessimista ou mais otimista, mais séria ou mais boêmia, todos carregam, na bagagem, uma visão espontânea sobre o mundo e uma concepção de vida - também espontânea - que não deve ser ignorada por quem pretenda auxiliar a pessoa no seu percurso educativo-pedagógico.

É fato que desde a infância cada um de nós já começa a construir sua “filosofia de vida”: uma



concepção de vida e de mundo que irá nortear e interferir nas nossas atitudes e modos de ser e de agir perante o mundo. Assim, toda pessoa tem uma filosofia subjacente às suas atitudes perante o mundo e à vida, e é graças a ela que conseguimos nos situar melhor no meio em que vivemos e delimitar nossa identidade existencial.

Assim, a “filosofia de vida” de cada um constitui-se na filosofia espontânea de cada pessoa e se forma a partir das vivências e convivências, não tendo uma base teórica nem uma sistematização. É uma filosofia que não alcança a essência das coisas porque sua compreensão e suas representações sobre o real se limitam à aparência dos fenômenos, e a aparência representa exatamente o conhecimento imediato e superficial sobre a realidade.

Mas, se essa “filosofia de vida” ou “filosofia espontânea” de cada um não consegue atingir as estruturas ideológicas determinantes da dominação ou da hegemonia, se constitui em insumo e ponto de partida para entender o que e como pensam seus sujeitos, possibilitando a oferta da filosofia erudita como uma visão diferente das suas e que pode levá-los a aprimorar suas “filosofias de vida”, rever conceitos e valores e reconstruir suas identidades existenciais pela agregação, e não pela negação das identidade anteriores.

Por outro lado, negar o leigo das letras e junto com sua filosofia de vida é negar o próprio sentido da Filosofia na sua origem, como “amor à sabedoria”, ou negar esse sujeito como capaz de ter uma relação de amor com o conhecimento, o que é no mínimo contraditório pois tanto é verdade que amamos a sabedoria que vivemos tentando nos livrar da ignorância de conhecimento, seja empiricamente, teologicamente, cientificamente e/ou filosoficamente.

4.3 E O QUE SE QUER DIZER COM FILOSOFIA ERUDITA?

É a Filosofia como disciplina mental sistemática, aquela que se apresenta como questionamento sobre a vida, o homem, o mundo, as coisas e seus sentidos, assumindo o questionamento, a problematização, interrogação como determinantes para a elaboração do conhecimento reflexivo e crítico, diferente, portanto, da “filosofia de vida” de cunho mais vivencial e espontâneo, no qual cada pessoa atribui sentido às experiências da vida cotidiana.

A Filosofia problematizadora se constitui em sistemas organizados, eruditos, que visam dar significação mais profunda à vida ao mundo e às coisas do mundo, de modo crítico, reflexivo e sistemático, enquanto a “filosofia de vida” é assistemática e quase sempre desprovida de reflexão, é mais resposta ou entendimento que pergunta ou questionamento.



4.4 E O QUE TEM A VER A “FILOSOFIA E VIDA” COM A FILOSOFIA ERUDITA?

As coisas, objetos e animais fazem parte do meio como elementos a mais no conjunto da realidade. O homem, ser racional, não se comporta assim. Para se relacionar melhor com o seu meio ele procura interpretá-lo, cria uma explicação que transcende a experiência direta com os fatos. O homem percebe e sente as coisas, associando às percepções e experiências um significado, um sentido geral, uma explicação.

As percepções e experiências – inerentes à filosofia espontânea - não fornecem elementos suficientes para uma interpretação satisfatória das grandes questões da vida, e aí entra o pensamento reflexivo como busca (sistemática, organizada e contextualizada) movida por grandes perguntas e busca de respostas sobre grandes questões da vida.

Nessa busca o homem amplia as percepções e as experiências que têm do meio, através de explicações racionais, reduzindo ou incluindo um caso particular numa lei geral ou associando dois fatos parecidos para tirar uma idêntica conclusão, ainda que provisória, de modo que sua “filosofia de vida” dialogue e seja acolhida pela Filosofia enquanto pensamento lógico, reflexivo, crítico e questionador e desse diálogo respeito e acolhedor resulte a FILOSOFIA *do, com e para* o HOMEM.

4.5 E O QUE ISTO TEM A VER COM A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO?

No contexto da escola estão subjacentes às concepções de vida, mundo e homem dos seus atores que se deparam com as concepções teóricas da Filosofia erudita – que correspondem às diversas concepções filosóficas a respeito do homem, da vida, do mundo e da educação do homem.

Ambas - Filosofia e Educação - estão para o homem como a clara e a gema estão para o ovo: se não houver homem não haverá filosofia, nem educação, pela mesma razão que se não houver clara e gema não haverá uma nova vida.

Não havendo filosofia nem educação também não se pode esperar uma nova vida para o homem, o que configura a negação da sua existência. Não sendo acolhida sua filosofia de vida resta ser imposta a ela a filosofia dos filósofos, e aí terá uma identidade constituída externamente e não existencialmente, como resultado da sua relação com os outros e com o meio que o cerca, senão como resultante da vontade dos outros no meio que os cerca, o que acaba muitas vezes por afastar da convivência o que sente sua filosofia de vida negada ou talvez transformar-se numa existência exteriormente determinada e, portando amarga, angustiada, revoltada. Com esta visão é que pretendo mostrar a importância da filosofia de cada pessoa para o construto da Filosofia da Educação.

Assim, não podendo a Filosofia ignorar o homem, sob pena de não poder ser filosofia, também não pode ignorar sua “filosofia de vida”, pois se assim o fizer também não pode ser qualificada como filosofia.

Também o homem não pode ignorar a Filosofia que transcende a ele, senão estaria negando sua própria filosofia de vida, posto que a Filosofia transcendente tem origem na filosofia espontânea.



4.6 ENTÃO, QUAL FILOSOFIA DEVE COMPOR O CURRÍCULO DA ESCOLA?

Ao pensar na Educação *do, com e para* o homem, não deve a escola esquecer de que a Filosofia da Educação deve estar agregada a filosofia do educando. Também o educador não deve tomar o educando como mero engolidor da Filosofia escolhida pela escola para compor o seu currículo.

Há que se construir um currículo que, conhecendo a filosofia dos educandos, procure uma Filosofia da Educação que melhor responda às suas grandes questões sobre a vida, e esta filosofia não está exclusivamente nos livros, ela se apresenta sim como uma possibilidade de construção.

Sugere-se que a construção de um currículo de Filosofia da Educação deva se orientar pelos seguintes princípios: geral e específicos.

4.7 PRINCÍPIO GERAL – O HOMEM COMO PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA

Toda e qualquer intenção de ação voltada para o homem deve tomá-lo como ponto de partida, como sujeito do seu próprio desenvolvimento, e como ponto de chegada. Parte-se *do e com* o homem enquanto ser inacabado que busca transcender a esta condição. Em seguida, caminha-se *com* o homem como sujeito que sabe e deve ser senhor da sua própria transformação, para chegar-se *com* e ao novo homem. Este princípio se orienta pela lei da autotransformação do homem na relação interior (com ele mesmo), com o seu Criador, com os outros, e com o mundo.

4.8 PRINCÍPIOS ESPECÍFICOS – A EXISTÊNCIA COMO DIFERENÇA

- *Princípio da particularidade da unicidade* - Cada pessoa, apesar de guardar semelhanças com as outras, abriga caracteres individuais próprios e exclusivos. A análise deste princípio sugere que para seres com caracteres diferentes há que haver uma filosofia diferenciada.
- *Princípio axiológico* - O que pessoas com diferentes caracteres pensam sobre os valores universais? E sobre os seus valores? E sobre os valores de outrem? E sobre o valor das coisas? Qual a concepção de valor que está na compreensão de cada pessoa? Pessoas com caracteres diferentes concebem os valores de forma igual? Como estabelecem a hierarquia dos valores? Este princípio sugere que nem a objetividade nem a subjetividade dos valores são as mesmas em todas as pessoas.
- *Princípio gnosiológico* - As formas e a relação com o conhecimento assumem importância diferente na vida das pessoas. Há adeptos para todas as possibilidades de conhecimento: a priori, empírico, científico, filosófico, teológico dentre outros, como há também quem, de repente se interesse por mais de uma destas formas de conhecer, assim como há também possibilidades, potencialidades e condições físicas e cognitivas diferentes a depender das condições de vida e de existência de cada pessoa. Este princípio indica a necessidade respeito sobre os modos e condições de conhecer e a importância do conhecimento na vida de cada pessoa.



- *Princípio ético* - A moralidade individualiza-se em cada pessoa que, com maior ou menor intensidade, orienta seus atos pelos seus valores, convicções intelectuais e com o seu estado psíquico. Há pessoas que agem orientadas por uma razão ética, e têm inclinações para o bem, e há outras que ignoram a razão e se inclinam para o mau.

É indispensável conhecer para atuar transformadoramente, mas sem opressão, negação ou condenação, indo pela via do diálogo terapêutico, acolhedor e nutridor. Isso exige falar e ouvir, fazer-se compreender e compreender o outro, ter paciência e estabelecer confiança.

Este princípio deixa claro que deve ser construída uma filosofia do acolhimento, da escuta e da compreensão para depois apresentar a filosofia do questionamento, da reflexão, da crítica construtiva, da sustentação, e a partir disso escrever a filosofia dos sujeitos transformados pela partilha das filosofias de vida empírica e da vida reflexiva, não pela imposição, mas pela capacidade de convencimento e respeito recíprocos, de forma que nenhum dos polos pensantes se sinta ignorado, negado ou diminuído pela sua maneira de pensar, mas convencido da necessidade de mudar, de ultrapassar sua condição para continuar existindo com dignidade na complementaridade com os outros e com o mundo. Como disse Jaspers (1965, p. 52), “quer o homem ultrapassar-se: não avançado pelo mundo, mas projetando-se para além do mundo”.

- *Princípio teológico* - Uma das manifestações que existem com exclusividade no homem é a religião. Todas as culturas são profundamente marcadas pela religião. É, portanto, indispensável considerar que as pessoas, além das suas inclinações para os valores morais, para o conhecimento, para o trabalho, são portadoras de espiritualidade, de crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual guardam respeito. O respeito pela opção religiosa da PESSOA é um dos pré-requisitos mais fundamentais a ser assegurado no currículo escolar.
- *Princípio sócio-político-cultural-histórico*: A necessidade do homem de viver em conjunto com os outros e comunicar-se com eles, de torná-los cúmplices e confidentes das suas aspirações e desejos, de compartilhar com eles emoções e sentimento, de intervir e construir a sua própria história e a história coletiva interfere diretamente na sua concepção de mundo e influencia na sua hierarquia dos valores.

É no contexto da interatividade que envolve o aspecto múltiplo sócio-político-cultural-histórico que cada pessoa responde aos desafios que lhe apresenta a natureza, interfere no ambiente natural, desenvolve a atividade humana, se esforça por criar e recriar o próprio mundo.

Nesse esforço de trabalho transformador estabelece as relações de diálogo com outras pessoas, e assim formata a sua dimensão cultural com a aquisição sistemática, crítica e criadora da experiência dos



outros e ao mesmo tempo contribui com as suas experiências para a formação dos outros.

Nessas relações com o Criador, com a natureza e com as outras pessoas o homem capta os temas do passado e do presente, sugere uma nova formulação para a construção do futuro e escreve sua história e a história do seu tempo firmando sua existência em coexistência com o mundo e com o divino ou outro ente superior em que acredite, imprimindo suas particularidades e agregando particularidades externas, num processo em que ninguém ignora e nem é ignorado pelo que pensa, mas convidado a rever suas certezas e valores e a alimentar-se livremente em outras fontes.

Uma filosofia para a educação que marginalize ou que ignore estes princípios, que não permita ao homem chegar a ser sujeito, constituir-se pessoa única, participar da transformação do mundo, socializar sua cultura, fazer a sua história, essa filosofia não terá sido uma Filosofia para a Educação e sim uma Filosofia da Educação; não terá sido uma filosofia *dos sujeitos, com os sujeitos e para os sujeitos*, mas uma filosofia de sujeitos para sujeitos, e, portanto, não poderá lograr êxito, e não atingirá o fim precípua da educação que é possibilitar e permitir ao homem “estar sendo homem” humanizando e humanizando-se, existindo.

Faz-se urgente a necessidade de uma filosofia da educação pautada no diálogo entre as “filosofias de vida” e as “filosofias dos filósofos”. Contudo, como disse Maritain (1965, p. 7):

Ser-lhes-iam necessárias para tal uma sã filosofia social e uma sã filosofia da história moderna. Trabalhariam eles então para substituir, ao regime inumano que agoniza aos nossos olhos, um novo regime de civilização que se caracterizaria por um *humanismo integral*, e que representaria a seus olhos uma nova cristandade.

No âmbito da educação, é indispensável uma filosofia do diálogo entre filosofias, no seio do qual haja fala e escuta, oferta e receptividade, questionamentos e construção coletiva de respostas, olhar com os olhos e com a razão humana, chama e acolhida, oferta e nutrição, e uma busca permanente pela existência compartilhada. Assim, os conteúdos filosóficos a serem aplicados no campo educativo-pedagógico precisam abrigar tanto a Filosofia geral quanto a filosofia de vida de cada pessoa, esta última como uma espécie de currículo oculto na filosofia da educação.

Não é razoável adotar uma Filosofia da Educação só porque esta esteja ligada a uma corrente filosófica que por sua vez está ligada a uma teoria pedagógica. A priori qualquer Pedagogia apresentará bons resultados se for trabalhada com profundo conhecimento humano integral. Para tanto, é imperioso conhecer a “filosofia de vida” de cada pessoa, os conceitos de homem, educação e sociedade que cada um já tem formado a princípio, para assim construir uma Filosofia da Educação peculiar a cada comunidade educacional.

Por isso, convém primeiro conhecer a “filosofia de vida” de cada educando para depois adentrar na Filosofia erudita, apresentando seus princípios, premissas, implicações, limitações, e mostrando onde esta



Filosofia dialoga e onde se distancia da filosofia de vida, procurando a melhor maneira e momento para agir transformadoramente.

Podemos sim agregar a Filosofia erudita sem negar a “filosofia de vida”, convivendo com ambas e fazendo disso o nosso jeito próprio de existir, a nossa identidade indeterminada.

4.9 COMO A PRÁTICA EDUCATIVO-PEDAGÓGICA IGNORA A “FILOSOFIA DE VIDA”?

Quando ignoramos o que o educado pensa ou tiramos sua possibilidade de pensar e expressar o que pensa, negamos sua “filosofia de vida”. Não se deve ignorar que a “filosofia de vida” de cada indivíduo tem razões que vão desde a possibilidade de estruturar suas idéias até tentar compreender e interpretar o mundo em que vivemos, ou criticar as instituições vigentes, ou ainda injetar um certo ímpeto na ação humana.

Mas, como a nossa prática educativo-pedagógica é tradicionalmente orientada para a ação, nos flagramos incapazes de perceber este sem-número de possibilidades e só vislumbramos uma possibilidade, a de que as “pessoas” não sabem pensar, e assim as fazemos engolir as Filosofias que já engolimos, mesmo que não tenhamos aprendido a digeri-las.

Quando agimos assim, demonstramos claramente que ainda não compreendemos o sentido da Filosofia, que ainda não aprendemos a deixar de aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, e os comportamentos de nossa existência cotidiana; demonstramos que apenas aceitamos coisas e fatos questionarmos suas razões e compreender suas tramas.

E assim vamos vomitando o que engolimos sem digerir. E isto já se manifesta no primeiro dia de aulas quando, ao receber os educandos em sala de aula, na grande maioria das vezes, a primeira coisa que um professor faz é lhes dizer dos seus pensamentos sobre a vida e o mundo, ou seja, vai cuidando de mostrar sua visão de mundo para eles, suas maneiras conceber as coisas e a vida. Até aqui ainda não cometeu erro algum. Continua então a sua apresentação, dizendo-lhes como devem ver a vida e o mundo, as coisas e as pessoas; como espera que se comportem diante das adversidades, dos conflitos, das situações embaraçosas, dos grandes problemas da vida e do mundo. Aqui ocorre o primeiro dentre muitos erros de um professor: pretender que os educandos adotem uma forma de ver e pensar o mundo e a vida que nada tem a ver com o que eles pensam.

A menos que não aceitemos a condição do homem como “Ser pensante”, não podemos pretender que o pensamento seja a simples posse e reprodução das coisas cognoscíveis retidas no intelecto, como se o intelecto apenas possuísse o conhecimento das coisas sobre as quais entra em contato e esse conhecimento fosse o que ele retém de tudo o que se lhe depara, nesse caso o intelecto é concebido como um chip armazenador de informações. E é exatamente isto que fazemos quando simplesmente absorvemos o pensamento alheio. Pior que isto é tentarmos reproduzir esse mesmo comportamento mecanicista nos nossos alunos.



Quando agimos assim estamos atestando nossa própria incapacidade de pensar por nós mesmos, nos incluindo no grupo dos repetidores e reprodutores de pensamentos externos. Grosso modo, estamos ignorando a racionalidade, única condição que nos diferencia dos outros animais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “filosofia de cada um” ou espontânea não é autossuficiente para a transformação e para a libertação, mas se constitui em matéria prima para a elaboração da Filosofia erudita, e dessa inter-relação deve surgir uma Filosofia para a Educação construída no percurso.

É necessário que a filosofia de cada pessoa não seja ignorada por nenhuma ação educativo-pedagógica, senão tomada como ponto de partida para o ensino da Filosofia enquanto disciplina mental sistemática, até porque uma não existe sem a outra, ambas são interinfluentes e se complementam. E, só partindo de uma para construir a outra é possível estabelecer o movimento de transformação e libertação do homem pelo homem.

Assim, uma prática educativo-pedagógica para a libertação do homem pelo homem, deve perseguir a unidade entre a “filosofia de vida de cada um” e a Filosofia erudita, e precisa ser construída de acordo com os graus de consciência dos atores envolvidos: educadores, educandos, profissionais, pais etc, e os conhecimentos elaborados pelos idealizadores da Filosofia erudita, tendo como referência as concepções de homem, educação e sociedade, que podem ser ímpares em cada comunidade educativa onde cada escola está inserida.

Portanto, a ação educativo-pedagógica transformadora-libertadora é aquela que, leva em consideração as concepções de mundo do senso comum e as da Filosofia erudita ou sistematizada, num movimento que busca a superação do senso comum, não ignorando este, mais dele partindo para a construção de uma Filosofia coletiva e particular para a educação do homem concreto, numa comunidade concreta, com atores também concretos.

Não se trata de uma Filosofia particular, mas de um pensar e agir filosófico que não ignore a particularidade de cada pessoa nas suas relações com o Criador, com os outros, com o meio e, consigo mesmo e com o mundo. É uma Filosofia contextualizada enquanto movimento dialético de um conjunto social amplo no qual se interinfluenciam a Filosofia dos grandes pensadores filosóficos e as visões de mundo de grandes parcelas das massas populares.



REFERÊNCIAS

EWING, A. C. As questões Fundamentais da Filosofia. – Tradução de Luis Alberto Cerqueira e Alberto Oliva. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

JASPERS, Karl. Introdução ao Pensamento Filosófico. – Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira Mora. - São Paulo: Cultrix, 1965.

MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral. – 5. ed. – Tradução de Afrânio Coutinho. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.